

2/2/1985

O FUTURO

O futuro (ou uma esperança de futuro) do bóia-fria e do rurícola canavieiros pode estar nas infinitas possibilidades da cultura da cana. Esta é também a esperança das usinas.

As possibilidades (algumas já aplicadas, em boa parte das terras do ABCD do campo, a região de Ribeirão Preto) começam no aproveitamento das terras na entressafra.

Vamos tomar como exemplo um hectare da cana. Em 25% dessa área você pode plantar cereais na entressafra. Como são quatro cortes de cana, 25% é o período de rotação de cultura. A terra da cana dá soja, amendoim, milho, feijão, algodão, café, laranja, manga. Essa diversificação torna-se mais importante pela necessidade de ocupar o homem na entressafra.

A cana é fibra mais caldo. E até a água da lavagem da cana, que há dois anos não possuía nenhuma utilidade, hoje pode produzir biogás, servir à fertilização, ou produzir levedura. Afinal, na água de lavagem da cana há três quilos de açúcar por tonelada.

O caldo, além de açúcar, produz mel, torta de filtro (as impurezas do caldo retidas nos filtros transformam-se em adubo) e xaropes especiais. Da cana sai a vinhaça, um incrível instrumento de fertilização da própria cana. Da cana sai amônia, o que faz com que a usina corte quase todas as despesas com adubos, comprando apenas fósforo.

Hoje o Brasil já exporta álcool, açúcar, levedura seca, mel e xaropes especiais. Desses xaropes são feitos certos tipos de bebida, adoçantes, rações animais, etc.

Como os usineiros estão-se organizando para valer, na região de Ribeirão Preto é comum, hoje, você ouvir por lá uma palavra nova: lobby. Está para ser resolvida, pelo Congresso norte-americano, a proibição do chumbo tetraetila, que é misturado à gasolina dos automóveis e é também um álcool poluente. O lobby brasileiro dos usineiros está lutando contra um outro lobby, o da Dow Química, fabricante daquele álcool. Os brasileiros querem que ele seja substituído pelo álcool anidro. Mais divisas para o Brasil, se der certo.

Mas é na alcoolquímica que está o grande futuro de todos os que trabalham com a cana. A álcool química tem condições de substituir a petroquímica em 70%. Em escala comercial já estão sendo produzidos clorofórmio, éter dietílico, defensivos colas, ácido acético, poliestireno, óleo fúsel. E, em estudos, há a produção do polietileno.

O bagaço da cana pode transformar-se em combustível (há usinas na Flórida gerando energia com o bagaço, e levando essa energia a cidades pequenas, de 10.000 habitantes). E como há cerca de 3% de açúcar no bagaço, ele pode também virar ração.

Mais: pesticidas, medicamentos, matéria-prima para resinas e plástico de moldagem. Mais ainda: fufural (um aditivo para óleo diesel) e papel (papelão, papel sanitário e papel de imprensa). Realmente as possibilidades são infinitas: seda artificial, lona de pneumático, fio para tecer, filtro de cigarro, etc., etc., etc. Um dos subprodutos potenciais do bagaço da cana, com grandes possibilidades no mercado, é o aglomerado, para a fabricação de móveis e similares.

A lista é intensa, e não seria possível divulgá-la completamente. Mas o importante mesmo é que tudo isso pode vir a ser o futuro do bóia-fria: com educação, treinamento, boa vontade do governo e dos produtores, ele se transformará num operário industrial.

